



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**NARRATIVAS SOBRE MARIA MADALENA:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA DE 2018**

Talita Von Gilsa ¹

Resumo: No filme *Maria Madalena* (2018), uma biografia lançada pela Universal Pictures, há uma narrativa sobre a personagem que se destoa das demais. Não mais uma prostituta, ou mulher perseguida por adultério, Maria Madalena é apenas uma aldeã, que rejeita um casamento arranjado e sai de casa para acompanhar um profeta. Sendo este filme o objeto deste trabalho, identifica-se, nos discursos de seus produtores, a necessidade de reparar o equívoco em relação à personagem, apresentando “a história de Maria Madalena que nunca foi contada”, nas palavras do diretor Garth Davis. Esta comunicação tem como objetivos: identificar algumas disputas de narrativas em torno do filme; que discursos são mobilizados nelas; que camadas temporais estão presentes nesta produção. Para tanto, a narrativa fílmica será contrastada com fontes como vídeos, jornais, revistas, matérias de blogs especializados etc. Como resultado, espera-se lançar um olhar sobre as seguintes questões: o filme *Maria Madalena* (2018) simboliza resistência às narrativas tradicionais sobre a personagem? A produção fílmica abre espaço para a existência de um protagonismo feminino dentro das narrativas religiosas?

Palavras-chave: Maria Madalena, gênero e religião, disputas de narrativa.

INTRODUÇÃO

Contar a história de Maria Madalena sem o alinhamento às religiões cristãs tradicionais é uma das características da produção cinematográfica *Maria Madalena* (2018). O filme teve como diretor o australiano Garth Davis. A atriz estadunidense Rooney Mara interpretou Maria Madalena, e o ator Joaquin Phoenix Jesus Cristo. Chiwetel Ejiofor interpretou Pedro, e Tahar Rahim o personagem Judas. O roteiro foi assinado pelas britânicas Philipa Goslett e Helen Edmundson. Na narrativa fílmica, Maria Madalena é entendida enquanto personagem que se desliga de uma conjuntura social e familiar que a oprime, e

¹ Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Brasil. E-mail: talita.vongilsa@gmail.com. Foi bolsista do Programa de Bolsas de Pós-Graduação (PROMOP-UDESC).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



parte junto de um profeta e seus seguidores para novos desafios e descobertas em torno de uma fé emancipadora.

A partir do lançamento do filme, foram sendo manifestadas opiniões favoráveis a narrativa e contestadoras também, alegando que o filme foge à Bíblia. O seguimento ou não das narrativas bíblicas vem servindo como pressuposto para qualificar ou não um filme desde que as produções com perspectiva religiosa foram iniciadas. A ideia de que as narrativas fílmicas competem com as narrativas religiosas, e por isso precisam ser desbancadas, está presente em uma leitura do cinema por parte dos religiosos, que vem desde o cinema mudo (CHEVITARESE, 2013).

Considerando-se que existem diferentes interpretações em torno do filme, o trabalho visa abordar essas perspectivas e no que se calcam. O filme é entendido enquanto um produto de seu contexto de produção, portanto as questões que são levantadas nele são imprescindíveis no presente. Isso faz com que novas perguntas sejam feitas sobre a forma com que a história foi construída no passado (ROSENSTONE, 2010). Que questionamentos foram feitos sobre a história de Maria Madalena? Os discursos sobre ela foram colocados em dúvida em que contexto? Quais disputas ainda se apresentam no presente?

Percebe-se, desta forma, vários estratos de tempo, sedimentos de tempo de diferentes contextos, em que vários passados se somam às discussões do presente, rearranjando os discursos e as possibilidades (KOSELLECK, 2014). A partir dos usos no passado da imagem de Maria Madalena e os arranjos do presente em torno de sua figura, quais possibilidades existem para ela e para as mulheres nas narrativas religiosas?

MARIA MADALENA E OS ESTRATOS DO TEMPO

Existe mudança significativa nas narrativas sobre Maria Madalena a partir da cinebiografia de 2018, quando comparada às narrativas fílmicas anteriores. Por séculos, no Ocidente, várias personagens distintas foram consideradas Maria Madalena pela interpretação do papa Gregório I, em 591 d.C. Essa união permitiu a criação, no imaginário popular, de Maria Madalena como adúltera, pecadora, prostituta, mulher em constante arrependimento. Com a cinebiografia de 2018, existe uma contra-narrativa às narrativas dominantes que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



chegam ao grande público por meio do cinema, em que Maria Madalena é uma mulher humilde, que deixa sua família e povoado para andar com um profeta e seu grupo.

A narrativa de 2018 rompe com o estigma em torno da personagem, Maria Madalena é solteira e não aceita um casamento arranjado com Efraim, homem viúvo que era próximo de seus irmãos. Em produções cinematográficas anteriores, Maria Madalena é representada tendo vários pretendentes, amantes, ou sendo perseguida e quase apedrejada por adultério². Há, portanto, um distanciamento significativo destas narrativas para com a mais recente. A personagem vive uma vida simples junto de seus familiares, as mulheres pescam e auxiliam umas às outras quando acontece algum parto. Maria Madalena tem três cunhadas, que lhe são próximas e não querem perdê-la, não concordando com a partida da personagem.

Devido ao trecho bíblico presente em Lucas 8, versículo 1 ao 3, que aponta que Maria Madalena e outras mulheres seguiam e sustentavam Jesus e seus seguidores com seus bens, houve representações fílmicas em que Maria Madalena aparecia tendo uma vida luxuosa, abdicando de seus bens após o contato com Jesus. No mesmo trecho do evangelho de Lucas, há a informação de que Maria Madalena havia sido curada de sete demônios, o que permitiu que fosse representada em alguns filmes anteriores a 2018 tendo a expulsão dos sete pecados capitais, isso acontece no filme *Rei dos Reis* (1927) e *María Magdalena, pecadora de Magdala* (1946). Associações da personagem com o pecado, a traição e a prostituição também são encontrados em filmes épicos bíblicos hollywoodianos, como *A Maior História de Todos os Tempos* (1965), filmes de caráter crítico às interpretações sobre Jesus, como *A Última Tentação de Cristo* (1989), e no tão conhecido filme de Mel Gibson, sobre as últimas horas de Jesus, *A paixão de Cristo* (2004).

Na narrativa de 2018, Maria Madalena anda sozinha pela escuridão da noite, ela se encontra perdida ao conceber que não quer se casar. Ao não querer ser esposa, seu irmão Daniel acredita que ela esteja possuída por um espírito maligno. Seus familiares, junto a religiosos, tentam exorcizá-la no lago, e Maria Madalena quase é afogada. Depois desta sequência, a personagem Jesus Cristo a visita, e diz que não há nenhum demônio nela,

² Ver capítulo 2 da dissertação de Gilsa (2021), Maria Madalena nos séculos XX e XXI: estratos do tempo.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



rompendo com a constatação de Daniel, e com a própria interpretação bíblica, pois neste filme, Maria Madalena não está possuída, ela é incompreendida por não se encaixar no papel que era esperado de uma mulher de seu tempo.

O filme também atenta para várias situações em que as mulheres se encontram amedrontadas pelo abuso de poder dos homens. Maria Madalena expõe a Jesus que as mulheres em Magdala tinham medo de serem batizadas pelos homens. Suzana, que aparece na narrativa posteriormente, fala sobre a violência sexual e o assassinato de uma mulher que havia sido surpreendida traindo seu esposo. Neste filme, a personagem Jesus Cristo convida Maria Madalena para que ela fique próxima dele quando prega às mulheres. Depois deste momento, é Maria Madalena quem as batiza, muitas delas passando a acompanhar o grupo. A postura de Jesus é de aproximá-la do lugar de evangelizadora, que em outras interpretações estava presente apenas nos homens. Na narrativa fílmica, Maria Madalena acolhe Jesus quando este demonstra insegurança, ele a reconhece e a unge, considerando-a sua testemunha. Na imagem seguinte, vê-se Maria Madalena e Jesus a conversar com um grupo de mulheres.

Figura 1 - Maria Madalena e Jesus conversando com as mulheres de Caná.



Fonte: Até 47min49s, em *Maria Madalena* (2018).

Nesta imagem, vê-se Maria Madalena e Jesus apoiados em uma rocha, várias mulheres habitantes de Caná estão ao seu redor, bem como os homens de seu grupo. Elas estavam lavando roupas e param para ouvi-lo. Jesus pede a Maria Madalena o que ensinar a elas.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Maria Madalena lhe pergunta: “somos tão diferentes dos homens que precise ensinar diferente?” Mas é Suzana que responde a pergunta: “Somos mulheres, nossas vidas não são nossas”. Jesus lhe diz que seu espírito é seu. E ao ser questionado por Suzana, sobre a quem devem obedecer, se a Deus ou seus pais e maridos, Jesus responde que a Deus, mesmo que isso signifique confrontá-los [até 50min em *Maria Madalena*]. Pode-se perceber como a narrativa conduzida pelo filme confere espaço para que sejam desenvolvidas problematizações em torno de situações enfrentadas pelas mulheres, visando promover igualdade de fala, com Maria Madalena esboçando seus pensamentos em torno das colocações de Jesus.

Além dos vários trechos bíblicos que foram base às narrativas fílmicas sobre Maria Madalena ao longo do tempo, encontramos na produção cinematográfica de 2018, narrativas presentes em evangelhos apócrifos e gnósticos, sobretudo no Evangelho de Maria Madalena. Esta fonte produzida na Antiguidade tem em seu conteúdo uma discussão entre o grupo de Jesus, em torno dos conhecimentos transmitidos por Maria Madalena aos presentes, que não foram compreendidos. Há dúvidas então, a respeito de terem vindo mesmo de Jesus. A desconfiança inicial de Pedro é abrandada por Levi, que aponta que Jesus amou Maria Madalena e a fez merecedora. A suspeita de Pedro para com Maria Madalena aparece no filme, desde que esta adentra o grupo. Pedro acredita que a presença feminina trará desunião entre os homens, e por mais que reconheça a compaixão de Maria Madalena no andamento da narrativa, ao final ele a exclui, dizendo que ela enfraqueceu Jesus.

Percebe-se, neste filme, que a história de Maria Madalena é contada por um ponto de vista espiritual universal, havendo a preocupação, de quem o produziu e escreveu, de conectar-se com o que havia de mais próximo à personagem histórica, daí o apoio no Evangelho de Maria Madalena, uma fonte da Antiguidade que foi publicada apenas em 1977. Não é identificável, nos outros filmes sobre Maria Madalena, sejam suas cinebiografias ou produções em que é coadjuvante, a utilização deste evangelho, esta escolha pode ser relacionada à fala do diretor Garth Davis, quando aponta que esta é a história de Maria Madalena que nunca foi contada (MARIA..., 2018). A existência do Evangelho, junto com outros textos que não fazem parte dos copilados de textos de instituições religiosas dominantes no Ocidente, promove um outro olhar, oposto ao da pecadora arrependida, e que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



fornece visibilidade às narrativas das mulheres, criticando seu afastamento das narrativas religiosas institucionais, e dos lugares de poder dentro destas instituições.

DISPUTAS DE NARRATIVAS

Ao romper com uma forma de representação dominante sobre Maria Madalena, a cinebiografia de 2018 traz consigo diferentes tempos e proporciona variados discursos em torno da personagem, discursos liberais se sobrepõem em determinados momentos, e depois são ofuscados pelos conservadores, estando em constante disputa.

Podem ser verificadas, desta forma, diferentes narrativas em torno do filme de 2018 e da personagem Maria Madalena a partir desta produção. Estas narrativas englobam cristãos conservadores, ligados ou não a instituições religiosas que apontam que a cinebiografia de 2018 não segue a Bíblia, afastando-se então dos preceitos morais destas religiões e “distorcendo” a história de Jesus. Há outras narrativas que elogiam as escolhas do filme, apontando a importância das questões abordadas em torno das mulheres, do preconceito e da violência, considerando que muitas questões do presente estão desenvolvidas na narrativa fílmica. Algumas destas narrativas apontam para o feminismo presente na obra.

A atriz Rooney Mara, que interpretou Maria Madalena no filme, disse que a personagem foi uma mulher radical em seu tempo, com atitudes corajosas, sendo profundamente feminista (ALEXANDER, 2018). Philippa Goslett, uma das roteiristas do filme disse que o momento vivido é único, onde verificamos vozes femininas podendo se expressar (WRITER..., 2018). Paula Jacob (2018), em texto para a Casa Vogue, escreveu que “o ponto alto é a narrativa que revela o quanto a sociedade era misógina (não que tenha melhorado muito), enxergando as mulheres como não dignas das bênçãos e participações religiosas”. O que pode ser verificado na narrativa pelas celebrações religiosas serem realizadas pelos homens dentro do judaísmo, e permanecerem assim na maioria das vertentes cristãs. Existe, portanto, o afastamento das narrativas femininas dos lugares de poder e influência na sociedade e nas organizações religiosas. O filme, ao apontar que outras possibilidades existem, e que houve exclusões das mulheres no passado, disputa com as narrativas que foram dominantes até então.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A concepção de que o filme *Maria Madalena* apresenta um “revisionismo feminista da Bíblia” está presente no site Catholicus (FILMES..., 2018), onde a identificação do filme como feminista serve para desincentivar que ele seja visto pelos cristãos. Os ataques à narrativa fílmica de 2018 são também contrastados com informações ou percepções de religiosos. No blog do padre Paulo Ricardo, há uma matéria intitulada “A ‘Maria Madalena’ de Hollywood”, em que o filme é criticado por não seguir os evangelhos canônicos e por seguir o princípio “de tentar eliminar todas e quaisquer manchas possíveis na vida pregressa de Maria Madalena” (EQUIPE..., 2018). No texto ainda é colocado que ao se embasar no Evangelho de Maria Madalena, a narrativa fílmica a constrói como “superapóstola”, o que incomoda pessoas que não superaram a ideia de que uma mulher possa entender melhor determinado assunto ou questão que um homem. O artigo cita que Jesus teria escolhido apenas homens como apóstolos, e que isto não diminui a imagem das mulheres. Ao trazer exemplos de mulheres para o cristianismo, aponta para Maria de Nazaré, buscando diferenciá-la das mulheres que protestam ou reivindicam espaço e direitos. Existe aqui uma crítica às mulheres feministas, que estariam ligadas ao barulho, à manifestação pública, diferente do silêncio, contemplação e santidade a que Maria de Nazaré é relegada. É importante demarcar que, se as mulheres e os homens pertenciam ao grupo de Jesus igualmente, os espaços deveriam ser divididos da mesma forma. Se esta discussão não ocorreu no passado dentro das instituições religiosas, não estaria na hora de fazê-la no presente? Por que é necessário manter um princípio que se sabe que é calcado na exclusão e na misoginia, se hoje existem formas de equiparar os poderes e promover igualdade?

Há portanto, disputas de narrativas sobre Maria Madalena, onde se verificam duas principais, a que é conduzida por pessoas conservadoras ligadas a vertentes religiosas cristãs e que se posicionam de modo a manter a hegemonia de representações sobre a personagem; e outra por indivíduos e grupos que questionam as instituições e interpretações religiosas em torno da história de Maria Madalena. Existe, deste modo, uma legitimidade de poder, que é confrontada, criando-se uma contra-legitimidade, que acredita em um fundamento diferente do que serve de base a quem detém o poder (BACZKO, 1985). Com a contra narrativa desenvolvida pelo filme, criam-se possibilidades diferenciadas à personagem e sua história, construindo horizontes futuros em que haja promoção de igualdade e protagonismo feminino



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



dentro das narrativas religiosas, espaço para que as mulheres contem suas histórias e um olhar diferente do que vinha sendo usado seja empregado nelas.

Estas formas de narrar sobre as mulheres no cinema atual são identificadas como feministas. A impressão de que contar a história das mulheres por um viés questionador ou problematizador das relações de gênero está distante da realidade a que as mulheres viviam, está presente em algumas reportagens. Mauricio Stycer (2020), ao criticar o feminismo como peça de marketing na série da Netflix *Coisa Mais Linda*, trouxe que algumas concepções abordadas ali fogem às de uma mulher dos anos 1950-1960, em que a série estaria ambientada. Este entendimento acerca das produções contemporâneas que tem protagonistas femininas ou contam histórias de mulheres do passado, demonstram como os debates feministas são reconhecidos socialmente, e que mesmo havendo preconceito em relação a eles, estão presentes nas mídias e na sociedade. Ao considerar que os filmes ressignificam os discursos, fazendo sentido ao presente (ROSENTONE, 2010), não é incongruente abordar a história de diferentes mulheres por meio destes vieses. Não ocorre a distorção do passado quando outras percepções são lançadas, ou questões são elaboradas no presente buscando entender como as mulheres viviam e quais seus sentimentos, quando a escrita da história, com seus silenciamentos e exclusões, não os registrou.

Maria Madalena (2018) pode ser considerada uma contra-narrativa pois aponta para os erros de interpretação da personagem. Ao dar enfoque a Maria Madalena, estende o olhar às mulheres e às desigualdades de gênero vivenciadas em nossa sociedade, buscando que estas também sejam reparadas. Ao representar o movimento de Jesus como igualitário, a narrativa fílmica permite que seja questionado por que isso não se verifica no presente. Considera ainda a importância de as mulheres serem ouvidas, de suas histórias serem abordadas. Quando, ao final da narrativa, mesmo sendo desacreditada e excluída, Maria Madalena diz que não vai se calar, a personagem não fala apenas de si mesma, sua trajetória serve de inspiração às mulheres. É preciso romper com o que é estabelecido quando não serve mais, ter coragem de ser inconformada com o que a sociedade lhe impôs, e viver a vida do jeito que se deseja, mesmo sendo acusada. Ao final do filme, em conversa com Jesus, Maria Madalena sorri, como pode ser visualizado na imagem abaixo.



Figura 2 - Maria Madalena sorrindo em conversa com Jesus.



Fonte: Até 1h51min58s, em Maria Madalena (2018).

Nesta imagem, o vento sopra nos cabelos de Maria Madalena e seus olhos estão lacrimosos. Depois de anunciar aos demais apóstolos que viu Jesus, ela o procura novamente. Jesus diz que ela nunca perdeu a coragem e que nunca lhe perguntou como seria o reino de Deus, ele é quem sorri primeiro. Este gesto simples, de sorrir, é algo que ficou afastado de muitas representações anteriores, em que Maria Madalena morre após a morte de Jesus, ou vive uma vida de reclusão e arrependimento. Permitir-se sorrir assinala esta nova possibilidade para ela e para quem a assiste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que existem disputas de narrativas em torno do filme Maria Madalena (2018), de quem o reivindica enquanto representação de uma forma de inserção das mulheres na proposta de fé de Jesus, e que foi negligenciada ao longo do tempo, da qual este trabalho faz parte; e dos que buscam deslegitima-la enquanto narrativa, por apontarem que não segue a Bíblia, enquanto o que não segue é a interpretação que grupos conservadores tem sobre a história de Maria Madalena.

Estão presentes diferentes tempos na representação de 2018, esses tempos são evocados pela obra cinematográfica. A Antiguidade se manifesta através do Evangelho de Maria Madalena, em que ideias sobre a personagem em sua compreensão dos ensinamentos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



de Jesus se manifesta na narrativa, tomando para si um lugar que até então se encontrava apenas nos apóstolos homens. A homilia de Gregório I, de 591 d.C também está presente, mas de forma a ser identificada como um erro do passado em torno da figura de Maria Madalena, que precisa ser corrigido. Os evangelhos da Bíblia foram utilizados tanto para situações em torno da personagem principal como para as demais personagens, sendo reinterpretados com coerência e criticidade em torno de uma questão importante às mulheres, quando Maria Madalena é entendida enquanto possuída, isso acontece pela dificuldade de seus familiares de entenderem que ela não quer se casar. Algumas representações de outros filmes também se manifestam na produção de 2018, sobretudo a questão da crítica ao sofrimento/sacrifício de Jesus, que pode ser verificada nos filmes *Jesus Cristo Superstar* (1973) e *A Última Tentação de Cristo* (1989), por exemplo. A fala do Papa Francisco em 2016 acerca de Maria Madalena ser considerada Apóstola dos Apóstolos, é lembrada pelo filme como uma consideração que a torna uma igual aos demais apóstolos, por mais que o lugar das mulheres na Igreja Católica não seja o mesmo que o dos homens. São evocadas, deste modo, representações destas personagens pelos textos escritos e pelas obras cinematográficas, construindo-se um conjunto de representações de Maria Madalena que problematiza a construção da figura histórica e mitológica.

As discussões sobre a exclusão das mulheres dentro das instituições por conta da misoginia, trazem a importância de refletir sobre o esvaziamento das pautas das mulheres dentro do espaço religioso. Isso não se manifesta apenas nas religiões, mas também fortemente no ambiente político, onde os homens decidem sobre questões que atingem diretamente as mulheres, perpetuando violências. A narrativa fílmica de 2018 é uma forma de resistir às narrativas tradicionais sobre Maria Madalena, abrindo espaço para que outras narrativas sejam manifestadas, com olhares sobre as trajetórias das mulheres presentes na Bíblia ou em outras obras sagradas às religiões³.

³ Além de *Maria Madalena* (2018), ver *A Tenda Vermelha* (2014), minissérie que aborda a vida de Diná, filha de Jacó e Lia, personagens do Antigo Testamento.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Ella. Rooney Mara: ‘Mary Magdalene was a profound, radical feminist’. **Harpers Bazaar**, [Reino Unido], 14 mar. 2018. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/uk/culture/culture-news/a19433295/rooney-mara-mary-magdalene-interview/>. Acesso em 17 mar. 2020.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Jesus no Cinema: Um balanço Histórico e Cinematográfico entre 1905 e 1927**. Rio de Janeiro: Kliné Editora, 2013.

EQUIPE Christo Nihil Praeponere. A “**Maria Madalena**” de Hollywood. Padre Paulo Ricardo, [Brasil], 26 mar. 2018. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/blog/a-maria-madalena-de-hollywood>. Acesso em: 31 ago. 2020.

FILMES que distorcem a Bíblia são fracasso de bilheteria. Catholicus, [s.l.], 23 mar. 2018. Disponível em: <https://catholicus.org.br/filmes-que-distorcem-biblia-sao-fracasso-de-bilheteria/>. Acesso em: 26 mar. 2019

GILSA, Talita Von. **Maria Madalena no cinema: novos olhares a partir da produção cinematográfica de 2018**. 2021. 129f. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos de Tempo: estudos sobre a História**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

MARIA Madalena – O diretor Garth Davis. [Brasil]: Universal Pictures Brasil, 12 mar. 2018. 1 vídeo (1:52 min). Publicado pelo canal Universal Pictures Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vGjTCdFCHmY>. Acesso em 16 nov. 2019.

MARIA Madalena. Direção de Garth Davis. Roteiro de Philipa Goslett e Helen Edmundson. EUA: See-Saw Films, 2018. 1 DVD (120 min), son., color.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

STYCER, Mauricio. Netflix explora o feminismo em Coisa Mais Linda como peça de marketing. **UOL**, [Brasil], 5 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/mauricio-stycer/2020/07/05/netflix-explora-feminismo-de-personagem-como-ferramenta-de-marketing.htm>. Acesso em: 26 set. 2020.

WRITER Philippa Goslett: Mary Magdalene Red Carpet Interview. Londres: HeyUGuys, 27 fev. 2018 (2:57 min). Publicado pelo canal HeyUGuys. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SZ558BzHJCA>. Acesso em: 20 dez. 2020.